

# O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO PERÍODO DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Lázaro César da Silva <sup>1</sup>

Rafael Alves de Araújo <sup>2</sup>

Renally Lima Santana <sup>3</sup>

Thamires Silva Farias <sup>4</sup>

Keilla Rebecka Simões Oliveira de Freitas <sup>5</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem por finalidade compreender como a educação, notoriamente o corpo docente, vem lidando com as dificuldades do momento vivenciado, provocadas pela pandemia do novo coronavírus e como ela tem sido enfrentada. É evidente que os espaços educacionais precisaram se adaptar à realidade gerada pela pandemia. No entanto, docentes e discentes vêm enfrentando problemáticas nesse novo contexto. Assim, o artigo é um estudo de revisão bibliográfica sobre como o ensino remoto emergencial vem sendo desenvolvido atualmente. No primeiro momento, o ensaio busca discutir sobre o processo de ensino e aprendizagem de acordo com a teoria histórico-cultural, principalmente o papel do professor enquanto mediador do ensino, ao intervir na zona de desenvolvimento proximal dos estudantes. Dando continuidade, a produção exhibe as problemáticas enfrentadas por parte dos docentes na realização do ensino remoto, para continuidade das suas atividades, bem como no uso de novas metodologias em sala de aula virtual. Ficou evidente que o atual formato não é satisfatório para todos os indivíduos, sobretudo por não existir um planejamento a longo prazo e pela necessidade de políticas públicas que promovam a inclusão digital e social.

**Palavras-chave:** Teoria histórico-cultural, Covid-19, Ensino Remoto, Professor.

## INTRODUÇÃO

Decorrente de uma situação atípica, o mundo, em pleno século XXI, depara-se com o enfrentamento de um vírus (Sars-CoV-2, também conhecido como novo

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lazarocesar.pedago@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rafaalves9703@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, renally9806@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, thami.fariass09@gmail.com;

<sup>5</sup> Professora orientadora: Doutora em Psicologia Cognitiva, Professora Substituta do Departamento de Fundamentação da Educação - UFPB, keilla.rso@gmail.com.

coronavírus), que vem causando problemas de diversas ordens e nos piores casos, retirando a vida. As modificações na sociedade acarretadas pela instauração da doença são notórias e consistem desde o aumento da procura por leitos nos hospitais para tratamento, como a proibição de aglomerações, seja em espaços públicos e/ou abertos – praias, praças, mercados livres – ou em locais fechados – shoppings, bares, universidades e escolas. Desde o final de 2019 e o início de 2020 que se precisa utilizar máscara, álcool em gel e realizar o distanciamento social, com fins de prevenção da contaminação e transmissão da doença.

As instituições educacionais, uma das mais afetadas por esse contexto, precisaram se readaptar e elaborar um ensino emergencial para que as aulas continuassem acontecendo. O ensino remoto, bastante confundido com o ensino à distância (EAD), porém com base e metodologias distintas, foi a forma mais adequada encontrada por órgãos superiores, cujo dilema era de que o processo de ensino não poderia parar (CASTRO; QUEIROZ, 2020). Dessa maneira, professores, alunos, gestores, secretários, diretores, reitores e demais profissionais da educação, tiveram que reinventar metodologias de ensino, sobretudo os docentes, uma vez que suas aulas passaram a ocorrer de forma mediada por redes e aparelhos eletrônicos, em grande parte dos casos, até mesmo, sem uma preparação prévia de docentes e discentes para o novo sistema (FERNANDES; ISIDORIO; MOREIRA, 2020).

O presente estudo se fez necessário para observar como as práticas docentes estão sendo desenvolvidas durante o período de ensino remoto emergencial decorrente da pandemia da Covid-19, tendo como aporte a teoria histórico-cultural de Lev Vigotski, sobretudo o conceito de mediação e sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento, uma vez que o novo contexto está sendo um desafio para a construção do conhecimento, a interação professor-aluno e uma aprendizagem efetiva (OLIVEIRA, 2020).

Como pano de fundo, cabe elucidar também o que esse autor entende por Zona de Desenvolvimento Proximal, já que o ensino é um elemento fundamental desse viés para o desenvolvimento do ser humano. Cabe destacar que o estudo foi estruturado a partir de uma revisão bibliográfica, com a seleção de artigos do período entre 2019 e 2020, que dialogam sobre o ensino remoto, suas aplicações e a pandemia.

De origem bielo-russa, Lev Semionovitch Vigotski foi um estudioso do campo da psicologia, que morreu bastante jovem, com apenas 37 anos de tuberculose, contudo, deixou um leque de saberes densos, logo no primeiro impacto da leitura de suas obras

(REGO, 2020). Ele estudou o desenvolvimento humano, desenvolvendo o que ficou conhecido como Psicologia Histórico-Cultural (PHC), entendendo que tal desenvolvimento é um conjunto não apenas dos processos biológicos do próprio corpo, como também sociais, da relação com a cultura, das interações com o ambiente externo e da história do ser humano (IVIC, 2010).

Esse teórico fez uma diferenciação entre as funções psicológicas superiores, que se desenvolvem na relação com o social, e as funções mais elementares, entendidas como ações reflexas – o pegar no seio materno durante a infância do bebê – reações automatizadas – no espanto e na locomoção corpórea devido a um susto. Para o autor, as funções superiores seriam aquelas capazes de ofertar ao indivíduo pensamentos de coisas ainda não vividas, planejamento de ações e a reflexão de objetos ausentes ao olho nu. Assim, a interação da pessoa com o seu contexto social, histórico e cultural, é realizada a partir da mediação, entendida como, “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 1997, p. 26)”. Desse modo, a interação com o meio é mediada, sendo fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Os elementos básicos dessa mediação são os instrumentos e signos, quais sejam: “instrumento, que tem a função de regular as ações sobre os objetos e o signo, que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas (REGO, 2020, p. 50)”. O instrumento também pode ser compreendido como o meio entre o trabalhador e o objeto trabalhado. Já o signo atua semelhante a um aparelho da atividade psicológica, representando algo. Através da apropriação dos instrumentos e da formação dos signos, os sujeitos vão constituindo as funções psicológicas superiores, fundamentais na relação social e no desenvolvimento (OLIVEIRA, 1997).

Intitulado por sociointeracionista, Vigotski, sob nenhuma ótica, descarta ou anula o fato de que o desenvolvimento biológico é fundamental para o desenvolvimento humano, todavia as trocas que os indivíduos realizam com o social, bem como a apropriação de instrumentos e signos, são importantes para o desenvolvimento das funções especificamente humanas. Assim, o aprendizado é um notório fator de contribuição em tal debate, ainda se o recorte for os longos anos de escolarização formal. O renomado psicólogo compreende que existem dois níveis de desenvolvimento, quais sejam: o real e o potencial. Explanando de forma sucinta, o desenvolvimento real diz

respeito ao aprendizado já conquistado pela criança, que representa a capacidade de resolver e/ou realizar ações de forma autônoma, sem ajuda de outras pessoas. No entanto, o desenvolvimento potencial está ligado àquilo que a criança ainda não é capaz de fazer de forma individual, sem ajuda ou mediação de outras pessoas mais experientes. A distância encontrada entre esses dois pontos é entendida como zona de desenvolvimento proximal (ZDP) (REGO, 2020).

A ZDP, elucidada pelo educador e psicólogo, reúne todo o conjunto que ainda não amadureceu, porém que está em potencial. O aprendizado, sobretudo, o escolar, oferta, devido à interação entre pares e professores, novos saberes modificadores de sua formação e através da internalização, reestrutura essa lógica. Sendo assim, o que no passado era potencial, pode vir a ser real. No viés da abordagem vigotskiana, o papel da educação se constituiria em reunir saberes e instrumentos, realmente significativos para formação humana, com atividades diferentes para o estímulo da aprendizagem, não descartando o contexto social dos discentes (IVIC, 2010).

Acerca da interação entre o professor e o aluno, Vigotski (2003) discute que o docente atua como mediador do conhecimento construído historicamente e rompe com a ideia do aluno como um sujeito passivo, entendendo-o como ativo no processo de aprendizagem, na construção do conhecimento, dos significados e sentidos, à medida em que as trocas com o professor e as pessoas mais experientes vão ocorrendo.

Acerca disso, o processo de ensino e a aprendizagem nesse momento de pandemia tem levantado diversas discussões, sobretudo acerca do desenvolvimento do aluno nas aulas, por meio da mediação das mídias. Os professores têm se questionado sobre o processo de aprendizagem dos alunos, de forma mediada por telas, e o seu papel enquanto mediadores do conhecimento durante o ensino remoto, que se difere do EAD. Em momentos de crises sanitárias ou sociais de um país, em que a ida do estudante ao ambiente escolar presencial é limitada, faz-se necessário procurar meios de dar continuidade ao ensino. Legitimado, assim, por esse argumento, as instituições de ensino realizam o “Ensino Remoto Emergencial”. Vale salientar que o referente não tem uma estrutura e um formato pronto pela razão de ser algo que não é ou que estava programado inicialmente. Nesse novo processo, as aulas são ministradas pelos meios de comunicação ou substituídas pela disponibilização de materiais, entretanto, em ambos os casos, nem sempre de fácil acesso (HODGES, *et al.*, 2020).

Enquanto isso, o EAD é o oposto do ensino remoto, pois a própria constituição brasileira, o decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 o regulamenta, já o ensino remoto, surge de uma situação inesperada. Para Hermida (2006), a modalidade do EAD é refletida com a comunidade acadêmica e edificada previamente. Nesse formato, que possui modos específicos de estruturação, o próprio discente faz o seu horário, estruturando-o de acordo com o seu tempo. Além disso, dependendo do curso, existem encontros presenciais para avaliações e estágios.

Destaca-se também as alegações dos professores que afirmam como ponto positivo do ensino remoto, em comparação com o EAD, a possibilidade de comunicação instantânea com os estudantes através das salas de web conferência. Todavia, eles elencam que as desigualdades sociais do país, notoriamente na educação, revelaram ainda mais o quanto isso dificulta a participação efetiva dos alunos durante esse momento pandêmico e também o acesso a sala de aula virtual, tendo em vista que alguns alunos não conseguiram continuar acompanhando as aulas por falta de recursos tecnológicos, e professores e profissionais das escolas precisaram procurar meios de se reinventar no caos, com a finalidade de alcançar os alunos e ajudá-los no seu desenvolvimento, o que faz refletir sobre a importância de políticas públicas para a inclusão digital (OLIVEIRA, 2020).

Outro ponto é que o professor que ensina através desses meios tecnológicos precisa a todo instante lidar com as mudanças desse ambiente e opções de solução de problemas, como internet com velocidade lenta, diversas salas e abas abertas simultaneamente, além de estar em constante estudo para acompanhar o avanço tecnológico (MORAM, 2003).

Em uma concepção otimista, essa mudança repentina para o ensino remoto pode trazer pontos positivos para a educação, pois o docente percebeu que pode utilizar a tecnologia nas suas aulas, amplificando o seu conhecimento, embora se perceba também que, mesmo a sua utilização sendo positiva, ela não seria a solução para os problemas educacionais existentes. Contudo, a partir deste momento, profissionais da educação podem perceber a importância de utilizar a tecnologia, tornando-a como auxiliadora em sala. Cabe ainda destacar que, mesmo assim, não se pode esquecer que os professores tiveram a árdua missão de lidar com as constantes mudanças em um único momento, muitas vezes sem um preparo prévio para elas, sem a devida inclusão digital ou o acesso às ferramentas digitais e internet de qualidade (OLIVEIRA, 2020).

Além disso, Moram (2003) relata o quanto para o professor, “é difícil manter a motivação no presencial e muito mais no virtual, se não envolvermos os alunos em processos participativos, afetivos, que inspirem confiança” (p. 6). Para o professor da sala de aula presencial, é um grande desafio deixar o aluno motivado no ensino virtual, tendo em vista as diversas dificuldades presentes no momento atual, como: a sala de aula invadindo o contexto familiar, o uso excessivo das telas e a todo instante a procura por ferramentas que possam deixar as aulas mais atrativas com a finalidade de manter a atenção do estudante durante toda a aula ou na maior parte dela (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

Dessa forma, essas dificuldades respaldam diretamente na eficácia da aprendizagem do aluno, considerando também que os docentes, muitas vezes, não possuem instrumentos e formatos de comprovarem que tais saberes foram compreendidos pela turma. Assim, a modificação do formato de ensino é um desafio para todos que constituem o espaço educacional. Cabe destacar também que, outro aspecto importante a ser considerado é a inclusão digital e social dos discentes, pois, o ensino, além de não ocorrer da mesma forma para todos, segrega, e, quando ofertado, não garante uma real apreensão dos conteúdos trabalhados nas aulas (TELAS et. al, 2020).

Nesse sentido, observa-se que o professor tem procurado diversas ferramentas tecnológicas para o ensino remoto, criando formas de ministrar a aula, tentando atuar como mediadores do ensino nesse formato, apesar de todas as dificuldades que estão sendo vivenciadas; e os alunos têm buscado se adaptar a ele na tentativa de construir o conhecimento que está sendo mediado pelo professor (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA 2020). Na posição de facilitador, não somente procurando por novas metodologias de ensino, mas também atendendo às demandas que os estudantes apresentam, o docente está se reinventando no contexto pandêmico.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo teve como objetivo geral observar como as práticas docentes estão sendo desenvolvidas durante o período de ensino remoto emergencial decorrente da pandemia da Covid-19. Para isso, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica com base em leituras e debates de artigos recentes, que dialogam sobre o ensino remoto e suas implicações durante o momento pandêmico, por conta da Covid-19. Portanto, realizou-se

no primeiro semestre de 2021 o levantamento bibliográfico da literatura nacional sobre os temas Ensino Remoto; Ensino à Distância; Pandemia; Covid-19; Metodologias; Ensino-Aprendizagem e Relação Professor-Aluno, nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, no período entre 2019 e 2020. A discussão teve como base a teoria histórico-cultural de Vigotski, especificamente seu enfoque sobre mediação simbólica, zona de desenvolvimento proximal e relação professor-aluno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados encontrados, foi observado que uma das principais e necessárias medidas tomadas para conter o avanço da contaminação pelo novo coronavírus, foi a suspensão de aulas em escolas e universidades. Diante da emergência de saúde pública e da situação atípica na educação, diversas flexibilizações foram adotadas para que os alunos pudessem dar prosseguimento às aulas de maneira remota. Essa mudança repentina para o ensino remoto, exigiu uma rápida adaptação dos professores para garantir a continuidade do ensino. Assim, os docentes tiveram que ajustar as atividades pedagógicas e as estratégias de ensino para promover a aprendizagem dos alunos (JUNIOR; MONTEIRO, 2020).

Desse modo, nesse novo cenário, as metodologias de ensino também precisaram ser modificadas. Na literatura encontrada, se narra como pontapé o rompimento do presencial para as aulas mediadas, por aparelhos tecnológicos, após um curto período de suspensão das aulas no primeiro semestre de 2020. Tal formato, não contemplava uma parcela significativa de estudantes, além disso, o curto espaço de tempo do emprego desse meio, acarretou pouco planejamento para o ensino (VEIGA; TOLEDO; PORTILHO, 2020).

Em seguida, outro ponto encontrado foi o fato de que os Estados adotaram medidas divergentes entre si, com modelos estritamente remotos, outros com entregas de atividades e alguns com alternâncias entre aulas remotas e presenciais, com as medidas sanitárias necessárias. Em diversos momentos, alguns Estados estavam com menos casos da doença, em outros a situação era mais alarmante, o que foi considerado para as propostas em questão, bem como o acesso dos alunos às ferramentas digitais e a estrutura da escola. Posteriormente, evidenciou-se que alguns docentes estavam passando por

problemas na adaptação à nova rotina tecnológica para as aulas (BARBERIA; CANTARELLI; SCHMALZ, 2020).

Diante de todas as circunstâncias, os profissionais da educação estão sobrecarregados, com um maior nível de ansiedade e medo diante de um futuro incerto, com perguntas e indagações frequentes, quais sejam: quando poderão retornar para as aulas presenciais; as incertezas quanto à continuação das aulas remotas; os modos de avaliação do processo de aprendizagem, de modo a ser coerente com o momento que estamos vivenciando. Além disso, a carga excessiva imposta pelo ensino remoto, está afetando a saúde mental dos professores e alunos, afetando diretamente a qualidade de vida de ambos os indivíduos (SANTOS, 2020).

Segundo Faustino e Silva (2020, p.10), “sem o constante contato presencial com o aluno e com as produções dele é difícil avaliar e identificar a capacidade ou dificuldade do aluno em assimilar os conteúdos”. Dessa forma, pode-se entender que, apesar de estarmos em uma era tecnológica e de grande necessidade de utilizar esses meios de comunicação modernos, o ensino remoto não faz parte da rotina de boa parte dos professores e alunos, assim como a aquisição das ferramentas digitais, o que dificulta a utilização deste recurso em situações de emergência ou necessidade e a mediação do professor nas aulas.

Apesar disso, ressalta-se que a educação é uma área totalmente dinâmica, que está em constante evolução. Um dos principais desafios dos docentes é estar sempre se reinventando e obtendo ressignificação de sua prática pedagógica para acompanhar esse dinamismo. Existe uma gama de estratégias que podem ser utilizadas pelo professor para que ele possa se aproximar dos alunos e permitir trocas de ideias nas aulas. Por isso, o docente pode utilizar ferramentas para inovar a forma de iniciar uma aula ou propor uma brincadeira com objetos de sua própria casa, por exemplo, de modo a gerar uma maior interação, ao possibilitar descobertas e curiosidades, favorecendo a conexão com o estudante, nesse momento em que estamos tão distantes (MAIA, 2020). No entanto, vale destacar que, para isso, a formação docente, melhores condições de trabalho, planejamento e a inclusão digital e social são fundamentais.

A relação professor-aluno, como em todo processo de aprendizagem humana, tem fundamental importância. Dessa maneira, podemos afirmar que esse elo é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo de ensino/aprendizagem. Assim, quanto mais o professor compreende a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas,



maior avanço poderá conseguir em relação ao aprendizado dos alunos, pois, desse modo, poderá estimular a curiosidade e mobilização para promover o desenvolvimento (LOPES, 2009). Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimento, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletirem sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizado em sua prática docente. No entanto, percebe-se a dificuldade que está sendo evidenciada para o diálogo e as trocas entre professores e estudantes nas aulas mediadas por telas, bem como para a proposição de atividades que permitam um papel ativo dos estudantes (BARBOSA; VIEGAS; BASTISTA, 2020).

Como foi abordado anteriormente, Vigotski (2003) enfatiza em sua abordagem teórica, o papel do professor como um mediador do meio social educativo. A educação como aprendizado vai muito além da escola formal, pois o meio social é educativo. No contexto histórico-cultural, do qual a escola é apenas uma parte, acontece o processo educativo, que é histórico, tanto porque os indivíduos nascem em um grupo que pauta suas ações em sua história quanto pelo fato das pessoas viverem sua própria cronologia, em que novas vivências são pautadas pelo seu próprio passado, do qual são, em parte, fruto. Esse processo acontece dentro do contexto cultural de determinados grupos ou sociedades, ou seja, em interação com um contexto, que é histórico e cultural. Assim, entende-se a repercussão do momento histórico atual nos processos educacionais, na vida de estudantes e professores, e no processo de ensino-aprendizagem que está sendo vivenciado; levando em consideração que as dificuldades que estão sendo enfrentadas podem repercutir em como a mediação está sendo desenvolvida pelos docentes, no acesso dos estudantes à educação e, conseqüentemente, em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, nota-se que os impactos causados pela pandemia não afetam apenas a sociedade de forma geral, mas também a educação de forma específica, pois a emergência de saúde pública elucida novos comportamentos, que se tornaram indispensáveis para a continuação da vida nesse momento singular.

A adesão ao ensino remoto se tornou uma ferramenta imprescindível pela emergência das circunstâncias do contexto agora vivenciado, ganhando destaque, criando

possibilidades para o ensino-aprendizagem. Entretanto, pelo menos de forma inicial, foi adotado sem ou com pouco planejamento, devido à eventualidade apresentada. Diversos sujeitos confundem este modelo de ensino emergencial com o EAD, pela utilização de ferramentas tecnológicas para a sua execução, porém existem diferenças entre os dois modelos. Vale ressaltar que o ensino remoto é uma solução rápida para um problema de caráter emergencial, já o EAD, possui um planejamento, uma estrutura e um conjunto de metodologias pensadas de forma prévia para a efetivação do processo de aprendizagem.

Dessa forma, os docentes tiveram que se readequar, pensando em diferentes metodologias a serem utilizadas nesse formato remoto, trazendo uma preocupação maior com relação à necessidade da inclusão digital e social dos alunos, tentando construir uma prática efetiva, tanto para o processo de ensino-aprendizagem quanto para um ensino que seja atrativo e empolgante.

No presente estudo foi observado que os discentes foram afetados diretamente pela nova realidade originada decorrente do advento da pandemia. Cabe destacar também que os docentes e outros profissionais do contexto escolar precisaram se adaptar e apresentar metodologias que suprissem as necessidades dos alunos. Sendo importante ressaltar que os mesmos duplicaram sua carga horária de trabalho para essa nova realidade (OLIVEIRA, 2020).

Ficou explícito que as metodologias e o uso de recursos tecnológicos na educação é um ponto crucial para uma educação inovadora, visando a importância de um olhar mais empático e voltado ao todo, trazendo meios de amenizar situações e resquícios que a pandemia deixou, buscando o desenvolvimento dos alunos, o que faz refletir sobre a importância de políticas públicas para o acesso a essas ferramentas por um maior número de pessoas, bem como a realização do letramento digital para alunos e professores, utilizando esse momento também para uma evolução, no qual a tecnologia seja vista como uma ferramenta para o ensino com o retorno das aulas presenciais, e considerando que essas últimas são fundamentais para os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BARBERIA, L. G.; CANTARELLI, L. G. R.; SCHMALZ, P. H. S. Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiros durante a pandemia do COVID-19. **Fundação Getúlio Vargas**. 2020.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 255-280, jul./out. 2020.

CASTRO, E. A.; QUEIROZ, E. R. Educação a distância e ensino remoto: distinções necessárias. **Rev. Nova Paideia -Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**. Brasília-DF, v. 2, n. 3, p. 3 – 17. 2020

FAUSTINO, L. S. S. SILVA, T. R. F. S. Educadores frente à pandemia: Dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. **Revista Boletim de Conjuntura**. ano II, vol. 3, n. 7, Boa Vista, 2020.

FERNANDES, A. P. C.; ISIDORIO, A. R.; MOREIRA, E. F. Ensino remoto em meio à pandemia do covid-19: panorama do uso de tecnologias. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**, CIET, São Paulo. 2020

HERMIDA, J. F. **A educação à distância: história, concepções e perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.166–181, 2006.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE B.; TRUST, T; BOND, A. **A diferença entre emergência Ensino Remoto e Online Aprendendo**. Creative Commons BY-NC-ND 4.0 Licença Internacional, 2020.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Massangana, 2010.

JUNIOR, V. B. S.; MONTEIRO, J. C. S. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa**, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020

LOPES, R. C. S. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. 2009

MAIA, M. A construção de memórias afetivas em tempo de pandemia. **Revista Práticas em Educação Infantil**, vol. 5, nº 6, 2020.

MORAN, J. Novas questões que a educação on-line traz para a didática. In: SILVA, M. (org.) Educação on-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. **Loyola**, São Paulo, p.42-46. 2003,

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 4. ed. Brasil: Scipione. 1997.

OLIVEIRA, S. F. **Pedagog@s e Professor@s em tempos de pandemia**. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, 2020.



REGO, T. C. **Vygotsky uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2020.

SANTOS, L. G. T. **A ansiedade e o estresse como meios dificultadores da aprendizagem no ensino superior remoto**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24. 2020

TELES, E. C.; CAMPANA, A. M. A.; NASCIMENTO, F.; COSTA, S. O ensino remoto e os impactos nas aprendizagens. In: TELES, E. C; CAMPANA, A.; COSTA, S.; NASCIMENTO, C. Pandemias e políticas na educação. **Rev. ComSertões**. v. 9, n. 2. 2020.

VEIGA, S. A.; TOLEDO, H. S.; PORTILHO, T. G. Ensino remoto: quais foram os impactos na vida das pessoas que compõem o processo de ensino-aprendizagem?. **Congresso Internacional Abed De Educação A Distância**, 26° CIAED, Taubaté-SP. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2003.